



**MÁRCIA MARIA MENENDES MOTTA, UNIVERSIDADE FEDERAL  
FLUMINENSE**

**Título da comunicação:** “ *O maior latifúndio do mundo*”. *Propriedade, história & memória da Casa da Torre de Garcia d’Avila*

**Resumo:** Quando estava redigindo sua tese sobre a família de Garcia d’Avila, o historiador Angelo Pessoa fotografou a placa de entrada do Castelo da Torre e a inseriu no anexo de seu trabalho. Preocupado em compreender a consolidação e consagração do poder daquela família, o autor queria ao menos registrar a força do termo feudal na associação com aquele patrimônio arquitetônico.

Aos visitantes, era informado de que aquele conjunto arquitetônico havia sido tombado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em fevereiro de 1938. As informações sobre as datas de construção e os nomes dos responsáveis, os proprietários também ali estão presentes. Mas era preciso mais do que isso. Nas observações, o visitante ficava ciente também de três registros, certamente impactantes: aquele conjunto arquitetônico era a primeira grande edificação portuguesa no Brasil, era também o único castelo feudal das Américas e o maior latifúndio do mundo!

Nada mais emblemático do que a força daquelas aparentes e simples observações, expressas numa placa informativa, um convite à visita, um convite ao passado. A placa era seguida de algumas outras, resumindo a trajetória dos Garcia d’Avila e da construção do Castelo.

Em 2002, A Fundação Garcia D Ávila, publicou com o apoio da Eletrobrás cultural o livro: A Casa da Torre de Garcia d Ávila. A obra continha alguns textos sobre a sua história e sua arquitetura, e fora escrita em português e inglês. Com fotografia de Adenor Gondin , ela não tinha o objetivo de julgar as personagens que construíram e

transitaram pela Casa - afirmara o texto de apresentação - mas apenas a de apresentar uma cronologia de fatos que lembrariam os principais episódios de sua história.

O texto destacava também o papel dos Ávilas na ocupação do território brasileiro com a expansão do gado, “paralela a uma espécie de civilização do couro“ Também registraria o papel e a figura do vaqueiro e lembrava que ao escrever sobre este agente social, Euclides da Cunha e, em vários trechos de sua obra os Sertões, citava nominalmente os Ávilas e a Casa. E assim, concluía que “O espírito feudal refletido nos vaqueiros, em sua roupagem especial e fantasiosa, está nos alicerces da majestosa Torre. Nos membros de uma família mameluca e poderosa“.

A presente comunicação analisa a produção historiográfica sobre a Casa da Torre, bem como a gestação e consolidação da memória sobre o passado da trajetória dos Ávilas, pretensos proprietários de grandes extensões de terras no Nordeste brasileiro do século XVIII.